

Flutuação gráfica entre “senão” e “se não”: considerações sobre polissemia, constituição morfossintática e prosódia

Sanderléia Roberta Longhin^a

Luciani Ester Tenani^b

Resumo

O objetivo deste artigo é propor hipóteses explicativas para a prevalência da grafia segmentada de “senão” em textos escritos, produzidos por alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental. Essas hipóteses serão construídas a partir da consideração dos mecanismos interpretativos colocados em jogo pelas construções com “senão”, aliados aos componentes sintático e fonológico. Argumentaremos que os dados de escrita de “senão” podem ser interpretados como pistas de representações de estruturas morfossintáticas e de sentidos que, de um lado, recuperam estágios anteriores da língua e, de outro, dão evidências do modo heterogêneo de constituição da relação entre fala e escrita.

Palavras-chave: junção; segmentação; prosódia; língua portuguesa.

Recebido em 07/11/2014
Aprovado em 26/01/2015

^a UNESP – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. CNPq. longhin@ibilce.unesp.br.

^b UNESP – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. CNPq. lutenani@ibilce.unesp.br

01. Introdução

Vários trabalhos sobre segmentação não convencional de palavras atestam a relevância para os estudos linguísticos dos dados de escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Abaurre (1991), Cunha (2004, 2010), Chacon (2005, 2006), Capristano (2007a, b). Nesses dois últimos autores, os dados de segmentação não convencional são abordados essencialmente à luz da organização prosódica da língua (pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico, etc.) e das possíveis hipóteses do escrevente sobre relações entre enunciados falados e escritos. Nessa mesma linha de investigação, Tenani (2010, 2011) focaliza hipersegmentações não convencionais que ocorrem nos anos finais do EF (EFII, daqui em diante), período escolar em que se espera que os alunos já tenham um domínio da convenção no uso do espaço em branco.

No âmbito das pesquisas desenvolvidas por Tenani (FAPESP 2013/14.546-5 e CNPq 309.872/2012-0), este trabalho também investiga a colocação do espaço em branco em dados escritos procedentes do EFII. Contudo, nosso interesse não reside propriamente nas segmentações não convencionais, mas naquelas que, em contextos de flutuação entre grafia convencional e não convencional, são segmentações *marcadas*. Interessam casos em que ambas as grafias segmentada e não segmentada de uma mesma palavra são admitidas pela norma, ainda que uma delas seja a preferida, situação comum a palavras que experimentaram processos de mudança linguística. Assim, o tipo de flutuação gráfica que focalizamos está relacionado ao processo histórico de constituição da própria palavra.

Do universo restrito de palavras que mostram esse tipo de flutuação, elegemos para investigação os usos de *senão*. Como outras formações morfológicamente complexas do português, *senão* é fruto de um processo de mudança que levou o condicional *se* e a negativa *não* a serem reanalisados como uma única palavra gramatical. É fato que, para algumas composições (p.e. *porque*), a escrita consagra definitivamente a reanálise e as palavras constituintes são grafadas sem espaço em branco. Também é fato que as chances de serem escritas juntas pala-

vras que são percebidas como uma única unidade de sentido vão diminuindo à medida que a escrita fica padronizada e estabilizada, como é o caso das perífrases conjuncionais em *que* (*ainda que, logo que, já que, assim que, só que, etc.*).

Mas, no caso de *senão*, Houaiss (2001) sinaliza duas possibilidades gráficas, *senão* e *se não*, e registra, em apêndice gramatical, que a grafia *se não* é uma alternativa para um dos usos do item, aquele em que *senão*, delimitado por vírgulas, funciona como conjunção alternativa (*perdoe; se não, a vida lhe será amarga*). É nesse sentido que denominamos *marcada* a grafia segmentada *se não*, em contraste com a opção não marcada, *senão*, que, segundo Houaiss, cobre todos os outros usos de *senão*, enquanto conjunção, preposição e substantivo. Para nós, a grafia marcada consiste, portanto, na opção menos frequente e contextualmente restrita em relação aos usos abonados pela ortografia do português.

O exame preliminar das ocorrências de *senão* em textos do EFII forneceu evidências de que há uma quase absoluta preferência pela segmentação de *se não* (opção marcada); e de que os usos de *senão* mostram um padrão polissêmico muito peculiar, com uma multiplicidade de sentidos. Essas evidências sugerem uma possível correlação entre a expressão dos sentidos e a segmentação gráfica de *senão*. Nessa perspectiva, o propósito deste trabalho é caracterizar o dado de escrita que se particulariza pelo uso marcado do espaço em branco envolvendo a palavra *senão* e propor hipóteses explicativas para a ocorrência desse tipo de segmentação, presente em textos de alunos do EFII. Tais hipóteses serão construídas na articulação entre mecanismos interpretativos de natureza semântico-pragmática e mecanismos sintáticos e fonológicos.

Dividimos a exposição em três partes. A princípio, explicitamos as bases teóricas em que nos filiamos. Na sequência, descrevemos o material de pesquisa, justificamos o objeto de investigação e, a partir de dados de *senão*, extraímos elementos para a construção de hipóteses explicativas. Na última seção, para ratificar as hipóteses, apresentamos uma análise que conjuga sintaxe, fonologia e sentido. Fechamos com as Considerações Finais.

02. Fundamentação teórica

Considerada a natureza do dado, isto é, as grafias da palavra *senão* em textos do EFII, faz-se necessário explicitar o posicionamento teórico assumido no que se refere aos conceitos de palavra, de escrita e de processo de aquisição/aprendizagem da escrita.

Defendemos, junto com Silva e Tenani (no prelo), que a complexidade da noção de *palavra* é aspecto relevante a ser considerado, pois registros de segmentação não convencional de palavra deixam entrever a não coincidência entre os limites de palavra fonológica e palavra morfológica, por exemplo. Os estudos sobre *palavra* feitos a partir de diferentes níveis de análise, como a fonologia (BISOL, 2004), a morfologia (BASILIO, 2004), a semântica (ILARI, 2002), contribuem para descrever a complexidade desse objeto, porém, dados os diferentes interesses e campos de investigação, não é possível extrair deles uma definição consensual de palavra.

Dessa complexidade do objeto, interessa-nos destacar aquela relativa à caracterização de palavra a partir da abordagem feita no âmbito da fonologia (BISOL, 2004). Nessa abordagem, explicita-se que palavra fonológica é definida a partir da presença de um acento principal, também chamado de acento lexical, porque atribuído no léxico. A consequência dessa assunção é que existem formas átonas, como preposições (*de, em, com*), pronomes (*o, a, me, nos*), conjunções (*e, se*), que não são palavras fonológicas e funcionam sempre ancoradas às palavras acentuadas que lhe são adjacentes. Assim, identificam-se duas palavras fonológicas no enunciado “(*me dá*) (*a pasta*)”, pois são duas as palavras acentuadas *dá* e *pasta*, e as formas *me* e *a* são átonas. No entanto, nesse mesmo enunciado identificam-se quatro palavras, se o critério for morfossintático.

Explicita-se, assim, a não coincidência entre os limites de palavra fonológica e os limites de palavra morfossintática. Essa não coincidência é aspecto importante a ser considerado, pois os limites de palavra fonológica, segundo Tenani (2013, 2011, 2010) para dados do EFII, são mobilizados pelos escreventes quando produzem segmentações não convencionais de palavras. Na condução de nossas análises, o descompasso entre as noções de palavra fonológica e palavra morfológica estará particularmente em evidência.

Considerando que o material de investigação constitui-se de textos escritos, também é necessário explicitar de que modo características prosódicas, atestadas em enunciados falados, são mobilizadas por nós na interpretação de enunciados escritos. Inicialmente, esclarecemos que não se trata de tomar características da fala como interferências que geram os chamados erros ortográficos. Distanciamos-nos dessa perspectiva predominante nos estudos sobre a relação entre fala e escrita e nos aproximamos de outra perspectiva que toma fala e escrita como modos de enunciação que se constituem por práticas orais e letradas. Ensina-nos Corrêa (2004) que é heterogênea essa relação entre modos de enunciar e práticas de língua(gem). A consequência dessa assunção – relevante para este trabalho – é que características constitutivas dos enunciados falados estão presentes nos enunciados escritos. Nessa abordagem, segmentações marcadas de *senão* são interpretadas como registros escritos que guardam, em certa medida, características dos enunciados falados, conforme exploraremos a seguir.

Ainda no que diz respeito ao fato de o material analisado constituir-se de textos do EFII, é importante explicitar que esses textos não são tomados aqui como produtos de uma tarefa escolar, mas como fatos de um processo de trabalho com a linguagem. Essa perspectiva encontra ancoragem na tese defendida por Capristano (2007b, p.80), sobre segmentação de palavras, segundo a qual a aquisição da escrita é um processo que “não poderia ser interpretado como um percurso de superação de etapas e/ou um percurso de desenvolvimento cognitivo, tampouco um percurso de exploração ou, ainda, tentativas de adequação às convenções escritas”, mas sim um processo que se modifica em função do “*Outro* como instância representativa da linguagem (e da escrita em particular), a *escrita* na complexidade de seu funcionamento (heterogeneamente constituída) e a criança enquanto *sujeito* escrevente” (CAPRISTANO, 2007b, p.160; destaques do original).

Assumida essa perspectiva, a produção textual, objeto de análise, traz marcas do processo do trabalho do escrevente com a escrita e os dados selecionados de *senão* ganham estatuto de dado de linguagem complexo, relevante para os estudos interessados em descrever os funcionamentos de estruturas linguísticas. Argumentos que sustentam essa abordagem na

análise de segmentações marcadas de *senão* serão apresentados na seção de análise dos dados.

03. Material, dados e hipóteses

O material de investigação compreende textos selecionados do Banco de Dados de Escrita do EF-II (UNESP), produzidos a partir do desenvolvimento de oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção de textos de diferentes gêneros textuais. (TENANI; LONGHIN-THOMAZI, 2014). Esse conjunto de textos constitui material inédito na medida em que há poucos estudos, até onde sabemos, sobre características da escrita de alunos dessa etapa do EF. Conforme mencionamos na Introdução, no que diz respeito à segmentação de palavra, por exemplo, as pesquisas versam, predominantemente, sobre textos escritos nos anos iniciais de escolarização (ABAURRE, 1998, 1991; CUNHA, 2004, 2010; CAPRISTANO, 2007a,b; CHACON, 2005, 2006), ao passo que são poucas as pesquisas sobre segmentação de palavras nos anos finais do EF (TENANI, 2010, 2011; SILVA, 2014).

A importância de se investigar a escrita do EF II justifica-se não somente pelo fato de serem poucos os estudos realizados, mas principalmente por já se esperar do escrevente, nesse período de escolarização, a produção de textos “*com domínio da separação em palavras, estabilidade de palavras de ortografia regular e de irregulares mais frequentes na escrita e utilização de recursos do sistema de pontuação para dividir o texto em frases*” (PCNs, 1997; p.80, destaque nosso).

A decisão em favor do estudo de *senão* decorre da natureza singular do item, que se deve, em parte, ao seu processo histórico de constituição. Partindo desse pressuposto, no que segue, enumeramos fatos linguísticos diversos que corroboram a singularidade de *senão* e que fornecem subsídios para a formulação das hipóteses explicativas que sustentaremos neste trabalho. Explicitamos características morfosintáticas em *a* e *b*, interfaces entre essas características e as semântico-pragmáticas em *c* e, por fim, interfaces entre as características morfosintáticas e fonológicas em *d*.

a. *Senão* é um juntor derivado. O quadro dos jutores nas línguas constitui um lugar de grande predisposição à mudança (MEILLET, 1912; KORTMANN, 1997) e várias são as classes de palavras que funcionam como fonte para formação de novos jutores. Isso equivale a dizer que vários jutores têm uma natureza derivada, como é o caso de *senão*, que resultou de um processo de reanálise de elementos já gramaticais, que sofreram alteração em suas fronteiras sintagmáticas e nos sentidos. Dessa reanálise resultaram pelo menos três padrões funcionais de junção, conforme (01) a (03) formulados por nós, que atuam como mecanismos de coesão sequencial, com papel na construção dos sentidos.

(01) Não recebeu elogios, *senão (mas)* críticas

(02) Todos, *senão (exceto)* o João, foram aprovados no concurso

(03) Coma, *senão (ou/do contrário)* ficará de castigo

Os esquemas sintáticos de (01) a (03) não são os mesmos, mas a relação de *contraste* é comum aos três padrões de *senão*. Tomamos contraste, nos moldes de Schwenter (2000), como uma noção fortemente pragmática, fundada que é no sistema de expectativas acerca do mundo. O contraste diz respeito, mais especificamente, à percepção de uma incompatibilidade entre entidades comparáveis em alguma dimensão. Em (01), *senão* articula orações e o sentido de contraste provém de uma manobra sequenciada de refutação e retificação (*não elogios/sim críticas*). Em (02), *senão* articula termos e o sentido de contraste provém de uma manobra de exclusão (*exceto o João*). Em (03), *senão* articula orações e o sentido de contraste provém de uma contrariedade (*não comer = castigo*). Nos três casos, *senão* admite paráfrase, respectivamente, com *mas*, *exceto* e *ou/do contrário*.

Para o levantamento das ocorrências no *corpus*, consideramos todos os casos em que *se* e *não* estão contíguos, separados ou não pelo espaço em branco. Das 44 ocorrências verificadas, constatamos que, em 16% (07/44), os escreventes produziram condicionais com negação na prótase, conforme (04), em que o condicional *se* e o operador de negação *não*, apesar de contíguos, não formam uma unidade de sentido. Tratando-se propriamente do juntor *senão*, dos três usos possíveis referidos acima, os

(i) devem ocupar invariavelmente a posição inicial dentro da unidade que encabeçam; (ii) não recebem marcas de flexão; e (iii) não exercem função sintática. Os juntores perifrásticos devem também: (iv) exibir uma fusão mínima entre os elementos da perífrase¹; e, (v) ter pelo menos uma interpretação que não é totalmente recuperável a partir do significado das partes (condição de não-composicionalidade).

Senão se conforma a todos os parâmetros, exceto a (i), como revelam (06) e (07), em que *senão* sucede as conjunções *porque* e *ou*, assumindo, nesse contexto, um papel mais propriamente adverbial do que conjuncional. A relativa prototipicidade de *senão*, que decorre de sua flutuação nos papéis de advérbio e de conjunção, pode ser explorada como argumento para a não consolidação da forma escrita *senão*. Em outras palavras, a preferência por segmentar *senão* remontaria, em certo sentido, sua origem histórica.

(06) Foi bom ele ter me deixado porque se não eu não teria conhecido [Z08_6A_23F_01]

(07) Eu retribuo ou se não ela liga [Z11_8A_26M_01]

c. *Senão* mobiliza uma complexa rede polissêmica. O uso de *senão* presente no *corpus* comporta um padrão polissêmico que se sustenta em torno dos significados de condição, contraste e alternância e que, juntamente com manobras pragmáticas mobilizadas pelos escreventes, tornam os enunciados altamente argumentativos. Do ponto de vista pragmático, os enunciados com *senão* envolvem sempre algum tipo de *ameaça*, *complicação* ou *problema*. Em alguns casos, como em (08) e (09), a ameaça é direta, as construções se realizam por meio de atos de fala, ficando evidente a atitude do escrevente de impedir ou de instigar uma ação do outro, pela ênfase nas consequências negativas. Em outros casos, como em (10) e (11), a ameaça é indireta, trata-se, mais especificamente, de uma complicação que ameaça os propósitos do escrevente. Em todos os casos, o segundo membro da construção, aquele que é evidenciado por *senão*, traz a informação comunicativa e pragmaticamente mais saliente, no contexto em questão.

(08) Assalto, fica quieto *se não* eu atiro [Z08_5A_22M_01]

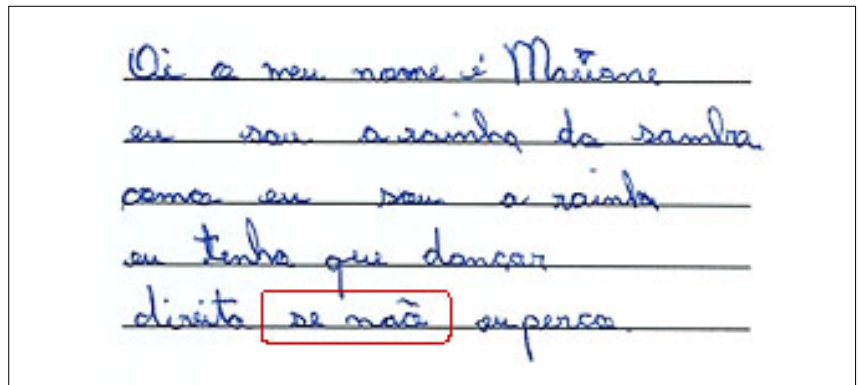
(09) Vai para a cama agora *se não* eu chamo seu pai [Z09_6C_19M_03]

¹ Avaliamos a fusão em termos morfológicos como a invariabilidade na ordem dos elementos da construção e a impossibilidade de inserção de material interveniente entre eles.

(10) Eu vou procurar o cavalo *se não* ele vai matar todo mundo
[Z08_5C_21F_01]

(11) Tenho que dançar direito *se não* eu perco [Z08_5B_24F_02]

Mas os esquemas de significação de *senão* têm outras peculiaridades, que se sobressaem quando consideramos o trânsito de sentidos entre os referidos domínios de condição, contraste e alternância. Para uma primeira aproximação, retomemos (11) em seu contexto maior de ocorrência:



[Fonte: Banco de dados de escrita do EF II. Texto: Z08_5B_24F_02]

A partir de (11), representativa do *corpus*, podemos afirmar que entre os enunciados articulados por *senão* há uma conexão causal, em que “não dançar direito” tem uma consequência desfavorável que é “perder o posto de rainha do samba”. Essa relação de causa e consequência, por sua vez, subjaz a relação de condição, conforme paráfrase em (12)i. Sendo desfavorável, a consequência gera uma *tensão* que, de certa forma, dramatiza ou põe em evidência o segundo membro da construção. Entendemos que essa tensão, a ser refinada ao longo deste trabalho, é inerente às construções e explica, em grande parte, a opção dos escreventes por *senão*, e não por outro recurso, no paradigma dos juntores. Mas se, por um lado, a implicação causal-condicional é evidente, por outro, não são óbvios os sentidos de alternância e de contraste, que também emergem de (11), conforme explicitam as paráfrases em (12)ii e iii:

(12)

i) Condição: Eu tenho que dançar direito *se não* (dançar direito) eu perco

(ii) Alternância: Eu tenho que dançar direito *se não* (ou) eu perco

(iii) Contraste: Eu tenho que dançar direito *se não* (do contrário) eu perco

Em (12i), a segmentação gráfica de *senão* permite entrever marcas da natureza derivada do item e o espaço em branco favorece a leitura composicional de *se* e *não*, na qual o condicional *se* mobiliza uma hipótese. Já em (12ii) e (12iii), as construções são menos transparentes e a leitura de condição já não é clara. *Senão*, como um bloco, assume uma interpretação mais formulaica, equivalendo a *ou*, na leitura de alternância, ou a *do contrário*, na leitura de contraste. Sistematizando:

X, se não (X), Y	→ Leitura Composicional (construção trimembre)
↓	
X, ou/do contrário, Y	→ Leitura Formulaica (construção bimembre)

O uso de *senão* que aparece nos textos do EFII e que propomos descrever se refere a um dos padrões funcionais de *senão*, aquele que apresenta uma complexidade polissêmica que envolve simultaneamente as relações de condição, alternância e contraste, aliadas a manobras de cunho pragmático, que têm efeitos fortemente perlocucionários. Entendemos que a correlação entre esses sentidos – que não é óbvia e precisa ser descrita – está na motivação da segmentação gráfica marcada de *senão*, nos textos do EFII.

d. Senão é uma palavra fonológica constituída de *se não*, uma sequência de clítico e palavra fonológica. Essa constituição fonológica de *senão* decorre da configuração morfossintática descrita em *a* e *b*, de modo que essa configuração está associada às configurações fonológicas de *senão* e *se não*, relevantes para interpretação da flutuação das grafias entre *senão* e *se não*. Na análise dos registros de segmentação marcada de *senão*, *se* figura como uma conjunção monossilábica desprovida de acento, o que lhe confere o *status* de clítico fonológico (BISOL, 2004). Nos enunciados falados, no entanto, *se* pode receber

acento prosódico e, por essa razão, deixa de ter comportamento dependente de uma forma acentuada que lhe seja adjacente. Já o advérbio *não* tem acento, constituindo-se uma palavra fonológica. Quando se configura *senão*, na sequência *se+não*, *não* é o hospedeiro, porque tem acento, de *se*, forma sem acento que depende fonologicamente de uma forma acentuada. Nesse funcionamento, consideradas as relações prosódicas entre as palavras, *senão* figura como uma única palavra fonológica. Essa configuração prosódica é relevante, como demonstraremos na seção 4, para sustentar a hipótese explicativa para as grafias de *senão* encontrados no material analisado.

Em suma, de um ponto de vista morfossemântico, para nós, a grafia flutuante de *senão* (segmentada ~ não segmentada) estaria refletindo a flutuação na constituição do próprio item, tanto no aspecto categorial (advérbio ~ juntor), como na emergência dos sentidos (composicional ~ formulaico). A essa constituição morfossemântica estão atreladas características prosódicas, as quais, latentes, se fazem emergir por meio da grafia marcada *se não*. Assim, uma hipótese explicativa que buscaremos defender é a de que a grafia marcada de *senão*, tão frequente nos dados de EFII, guarda resquícios da remodelação de forma e de sentido experimentada por *se* e *não*. À luz dessa hipótese, os dados de escrita podem ser interpretados, na sincronia atual, como representações de estruturas linguísticas que recuperam estágios anteriores da língua. Essa linha de interpretação encontra respaldo no Princípio do Uniformitarismo, como referido em Romaine (1982:122), segundo o qual as forças condicionantes da estruturação linguística que operam no presente são provavelmente similares àquelas que operaram no passado.

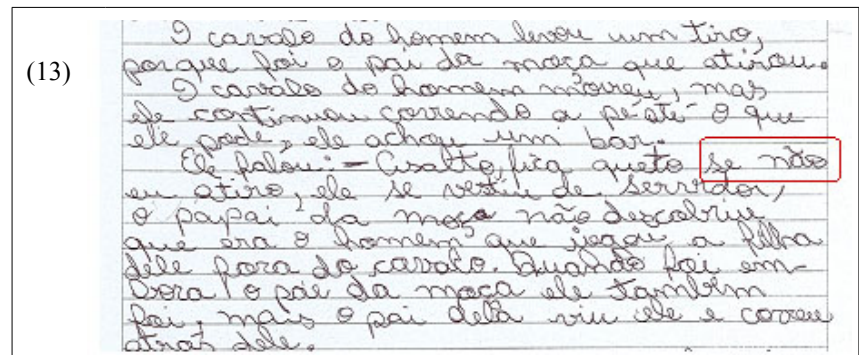
Articulada a essa hipótese central, formulamos outra hipótese explicativa que toma como ponto de ancoragem relações entre fala e escrita, potencialmente mobilizadas pelos escreventes. Nossa hipótese é que grafias marcadas *se não* são indícios de configuração prosódica de enunciados que diz respeito às maneiras pelas quais saliências métricas e ênfase entoacional podem ser associadas a porções dos enunciados articulados por *senão*.

Construídas as hipóteses, desenvolvemos a discussão dos dados selecionados em duas subseções. Em 4.1, propomos uma interpretação acerca do padrão polissêmico mostrado pelos enunciados com *senão*, em *a*, *b* e *c* acima, a qual reforça a primeira hipótese, uma vez que evidencia a persistência de índices da composicionalidade de *se* e *não*. Em 4.2, articulamos a descrição das características morfossintáticas de *senão*, descritas em *a*, *b* e *d*, ao funcionamento fonológico dos enunciados em que figura a grafia marcada *se não*, explicitando-se a segunda hipótese.

04. Análise dos dados

4.1 O padrão polissêmico de *senão* e a questão do espaço em branco

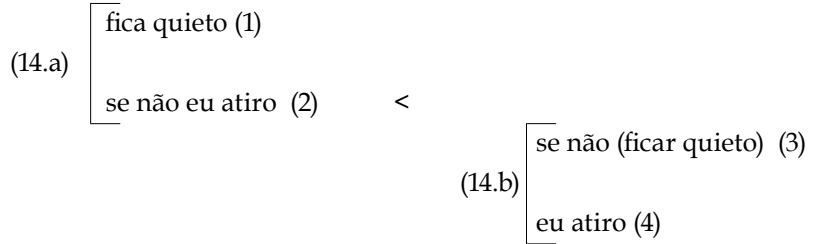
No universo dos textos produzidos, verificamos que as ocorrências de *senão* são típicas de sequências textuais em que prevalece o diálogo face a face. Nos diálogos, o contexto prévio a *senão* se mostra um fator importante para a compreensão dos sentidos. Nesses termos, a interpretação que buscamos para os dados segmentados de *senão*, fenômeno que se dá no nível da palavra, precisa se pautar em unidades maiores, no nível de articulação entre enunciados. A esse respeito, consideremos o contexto de (08), retomado aqui em (13):



[Fonte: Banco de dados de escrita do EF II. Texto: Z08_5A_22M_01]

O enunciado introduzido por *senão* justifica a enunciação prévia, legitimando-a, num contexto de tensão, em que a intenção comunicativa vai além de uma causalidade entre as proposições envolvidas. Trata-se de obter certa conduta do des-

tinatório, por meio da exploração de consequências negativas, ou seja, trata-se de uma ameaça. Os conteúdos de cada um dos enunciados juntamente com o contexto pragmático têm papel importante para a compreensão. Consideremos o esquema:



em que:

- (14.a) é constituído por dois enunciados, (1) e (2);
- o enunciado (2) de (14.a), por sua vez, se biparte em outros dois enunciados, (3) e (4).

Em (14.a), o enunciado (2), *se não eu atiro*, justifica a enunciação de (1), *fica quieto*. A percepção de que (2) é um enunciado complexo, como mostra a articulação entre (3) e (4), em (14.b), dispara a produção de inferências. Mas (2) só pode ser tomado como enunciado complexo se *se + não* não constituem uma palavra gramatical, pois a composicionalidade de *se não* permite que *se*, no seu papel de conjunção condicional, mobilize uma hipótese, que se apresenta como negação de (1), *se não (ficar quieto)*, para então mostrar, em (4), a consequência desfavorável trazida pelo não cumprimento de (1). Essa manobra, do ponto de vista argumentativo, torna (1) irrefutável.

A leitura de condição está relacionada, portanto, à composicionalidade de *senão*, à fonte histórica do juntor. A questão que se coloca é a de como interpretar os sentidos de alternância e de contraste, que convivem com o de condição, nessa mesma construção. Seguindo Schwenter (1999), assumimos que alternância e contraste são sentidos que podem derivar conversacionalmente a partir de aspectos da relação condicional, em que reconhecemos uma implicatura conversacional que marca uma condicionalidade necessária. Não se trata da semântica de *se*, mas de uma interpretação pragmática, passível de cancelamento. Em (13), a construção admite uma interpretação em que *ficar quieto* é mais do que condição suficiente, é também

condição necessária para não levar tiro. Leituras similares, que conferem à condição um caráter exclusivo, podem ser construídas para as demais ocorrências do *corpus*.

Desse ponto de vista, sempre que entendidas como necessárias, as condicionais disparam inferência de *exclusão*. Essa característica das condicionais é crucial para a compreensão dos sentidos derivados. O traço de exclusividade que se depreende das condicionais, em termos de condição necessária, dispara as leituras de alternância (*ou fica quieto ou eu atiro*) e de contraste (*fica quieto do contrário eu atiro*). A exclusividade é, portanto, o elo entre esses sentidos.

Em suma, quando o escrevente lança mão de *se não*, com o espaço em branco, explora a composicionalidade da construção. A relação de condição é o sentido mais básico, vinculado a *se*, e a composicionalidade de *senão* torna evidente esse sentido básico, ao passo que os sentidos de alternância e contraste são implicados conversacionalmente, a partir da leitura de exclusividade que se depreende das condicionais, em termos de condição necessária. A consequência desfavorável trazida pelo segundo membro da construção, que pragmaticamente é uma ameaça ou uma complicação, alimenta fortemente essa exclusividade.

4.2. Polissemia, prosódia e o espaço em branco

As análises prévias tornaram explícita a rede polissêmica inerente aos usos de *senão*, a qual se sustenta em torno dos significados de condição, contraste e alternância que, aliados a manobras de cunho pragmático, colocam em foco o segundo membro da construção, conferindo-lhe maior força argumentativa. Essa configuração polissêmica dos enunciados está associada, segundo nossa hipótese, a uma configuração prosódica, que diz respeito às maneiras pelas quais saliências métricas e ênfase entoacional podem ser associadas a porções dos enunciados articulados por *senão*. Retomemos o dado em (08), rerepresentado em (15) abaixo, a fim de explicitar a correlação entre as duas configurações:

(15)

(i) [[Assalto],I [fica quieto]I [se não eu atiro]I]U

(ii) [[Assalto],I [fica quieto]I [se não]I [eu atiro]I]U

(iii) [[Assalto],I [fica quieto se não eu atiro]I]U

O dado (15) compreende um enunciado fonológico (U) composto por frases entoacionais (I)². A cada frase entoacional está associado um contorno entoacional e esse contorno tem um acento frasal (indicado pela sílaba sublinhada), isto é, a sílaba que carrega acento mais saliente da oração e o tom que codifica o significado gramatical da oração (afirmação ou interrogação, por exemplo). As possibilidades de configuração de contornos entoacionais para o enunciado em (15) são definidas a partir da abordagem da Fonologia Prosódica que prediz como é a interface entre sintaxe e fonologia (NESPOR; VOGEL, 1986). Consideradas as descrições das configurações prosódicas para enunciados neutros e para enunciados focalizados no Português Brasileiro (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; SERRA, 2009), podemos prever três possibilidades de fraseamento do enunciado para “fica quieto senão eu atiro”.

Em (15.i), duas frases entoacionais são definidas a partir dos dois enunciados “fica quieto” e “senão eu atiro”, conformando-se ao esquema em (14.a). Em (15.ii), três frases entoacionais são definidas, se considerado que, além do enunciado “fica quieto”, o enunciado “se não eu atiro” é complexo, formado pelos enunciados “se não (ficar quieto)” e “eu atiro”, como explicitados no esquema em (14.b). Em (15.iii), é considerada a possibilidade de reestruturação dos enunciados “fica quieto”, “se não”, “eu atiro” de modo a configurar uma única frase entoacional constituída de um único contorno entoacional.

Para cada uma das possibilidades de fraseamento prosódico de (15), são definidos os acentos frasais, sendo relevante destacar que *não* é sempre candidato a carregar o acento da frase entoacional a que pertencer. Em (15ii), *não* é única sílaba saliente do enunciado *se não*, enquanto nas possibilidades (15i) e (15ii), há outras sílabas acentuadas, mas *não* pode ser interpretada como a sílaba mais saliente em cada uma das frases entoacionais em que ocorrem. Essa interpretação se sustenta na medida em que se identifica, por meio da análise semântico-pragmática, ênfase em *não* por esse elemento trazer a informação mais saliente dos enunciados, qual seja: *não* nega a hipótese introduzida por *se*, *se não (ficar quieto)*, e, em seguida, é apresentada a consequência desfavorável dessa negação (*eu atiro*), corroborando o esquema em (14).

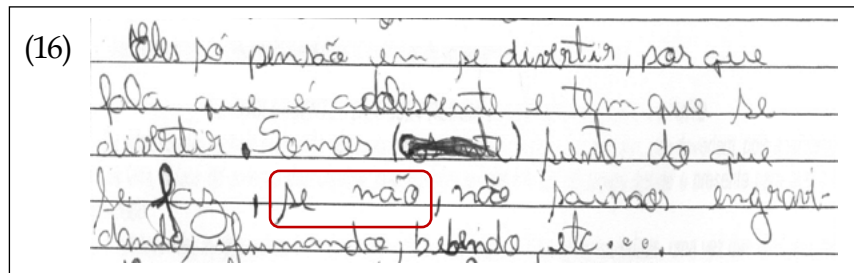
²Uma frase entoacional pode ser definida pela configuração entoacional que delimita, frequentemente, orações. Um enunciado fonológico compreende a unidade constituída de uma ou mais orações em cujas fronteiras podem ser delimitadas por pausas.

Em outras palavras, a grafia segmentada de *senão* plasma, na escrita, a ênfase dada ao advérbio *não*. O espaço em branco não prototípico entre *se* e *não* é aqui interpretado como representação escrita da ênfase semântico-pragmática dada à negação (por meio de *não*) da hipótese introduzida por *se*. Interpretamos que, ao instigar uma ação do outro pela ênfase nas consequências negativas apresentadas, o escrevente mobiliza certas representações prosódicas do enunciado, como descritas em (15). Em todas as potenciais representações prosódicas, *não* é o elemento enfatizado. A ênfase tem uma dimensão fônica e se realiza, conforme estudos de Fernandes (2007) para o Português Brasileiro, por meio de tom associado à sílaba mais proeminente do enunciado aliada à desacentuação tonal. Portanto, a sílaba que carrega tom associado à ênfase prosódica aparece representada por meio da delimitação, entre espaços em branco, da sílaba da palavra enfatizada nos textos escritos analisados. Dessa perspectiva, o espaço em branco é interpretado como registro que dá visibilidade, na escrita, à ênfase em *não* identificada nos enunciados em que *senão* ocorre.

Ressalvas poderiam ser feitas a esta interpretação, desqualificando-a por ser necessário encontrar pista acústica que confirmaria a ênfase em *não* e, assim, sustentaria a interpretação em favor de se tomar espaços em branco como índices de saliência prosódica. Haveria, assim, prova de correlação da configuração prosódica que se realiza por meio da fala e por meio da escrita. A ausência dessa possibilidade de correlação não leva necessariamente ao descarte dessa hipótese de interpretação, considerada a perspectiva que toma fala e escrita como modos de enunciação (CORRÊA, 2004). Dessa perspectiva, a escrita não é vista exclusivamente a partir da sua materialidade gráfica, mas é tomada a partir da sua relação com a fala e com usos da fala e da escrita na cultura letrada em nossa sociedade ocidental. Nessa abordagem da relação entre fala e escrita, a dicotomia instaurada pelo gráfico, na escrita, e pelo fônico, na fala, deixa de ser o eixo orientador da reflexão para dar lugar às possibilidades de realização da fala e da escrita que se instauram em um *continuum* de gêneros textuais, como defende Marcuschi (2001). Nesse *continuum*, fala e escrita estão entrelaçados a práticas letradas e orais por meio

das quais gêneros efetivamente acontecem. Corrêa (2004) parte dessa abordagem para defender o reconhecimento de que fala e escrita constituem-se de modo heterogêneo. Assim concebidos os modos de enunciação falado e escrito, características prosódicas dos enunciados como a ênfase podem ser identificadas quer em enunciados falados, quer em enunciados escritos.

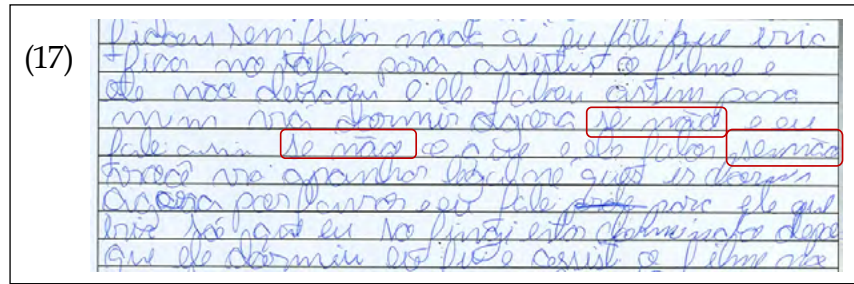
A fim de trazer argumentos em favor dessa perspectiva de interpretação dos espaços em branco como índices de representações de certa configuração prosódica dos enunciados, consideremos o dado (16) em seu contexto mais amplo de ocorrência.



[Fonte: Banco de dados de escrita do EF II. Texto: Z09_6D_11M_06]

Em (16), a ocorrência de *senão* entre vírgulas é especialmente importante na medida em que essas podem ser interpretadas como índices de fronteiras prosódicas, notadamente de frases entoacionais, como argumenta Soncin (2014). As vírgulas, nessa ocorrência, delimitam e destacam *senão* da cadeia de enunciados da qual participa. A ênfase dada a *senão* é corroborada pela presença de *não* imediatamente em seguida a *senão*: “se não, não saímos”. Mais uma vez, a segmentação de *senão* leva à representação gráfica, por meio de espaços em branco, da ênfase prosódica e semântico-pragmática dada à negação, por meio de *não*, da hipótese mobilizada por meio de *se*.

Por fim, analisamos a sequência de três ocorrências de *senão* em (17), bem como o contexto mais amplo dessas ocorrências, por nos permitir tornar explícita a complexidade do funcionamento de *senão*, quando segmentado. Apresentamos, em (18), uma interpretação, por meio de atribuição de sinais de pontuação, aos enunciados em análise.



[Fonte: Banco de dados de escrita do EF II. Texto: Z09_6A_28M_03]

(18)

- (i) E ele falou assim para mim: – Vá dormir agora se não...
- (ii) E eu falei assim: – “Se não” o que?
- (iii) E ele falou: – Senão você vai apanhar. [Z09_6A_28M_03]

Das três ocorrências, chamamos atenção para o fato de a terceira ocorrência ter grafia prototípica ou apresentar rasura entre as sílabas de *senão*, de modo que há indícios de o escrevente hesitar entre haver ou não junção gráfica entre *se* e *não*. Na comparação com as duas outras ocorrências, para as quais reconhecemos espaços em branco entre as sílabas de *senão*, nessa última ocorrência constatamos que não há espaço. Essa variação do registro gráfico está motivada no fato de *senão*, em cada um dos três enunciados (U), ocupar posição distinta dentro da frase entoacional (I) a que pertence, como se visualiza em (18’).

(18’)

- (i) [[Vá dormir agora]I [se não...]I]U
- (ii) [[Se não]I [o que?]I]U
- (iii) [[Senão você vai apanhar]I]U

Em (18’i) e (18’ii), *não* é a sílaba acentuada da frase entoacional, o que implica que a essa sílaba estão associados acento e tom de cada frase. Já em (18’iii), *senão* está no início da frase entoacional a que pertence, de modo que a sílaba tônica de *apanhar* é a mais proeminente do enunciado³, isto é, o acento e o tom da frase entoacional *senão você vai apanhar* não recaem em *senão*. Essa configuração prosódica leva à possibilidade de *senão* ser grafado junto nesse enunciado.

³O algoritmo de formação de frase entoacional prevê que a última sílaba tônica da frase é a que carrega acento e tom frasal (TENANI, 2002).

Esta análise da sequência de três ocorrências de *senão*, levando-se em conta características prosódicas dos enunciados em que ocorrem, possibilita-nos apresentar hipóteses explicativas para haver segmentação em duas grafias de *senão* e não haver segmentação (mas rasura ou junção) na ocorrência de *senão* que justamente não ocupa posição proeminente no enunciado (por não receber ênfase, nem ser a última sílaba tônica do enunciado). Argumentamos, pois, que o espaço em branco verificado nas grafias de *senão* nos textos analisados não ocorre aleatoriamente, mas tem motivação na configuração prosódica dos enunciados em que ocorre o juntor *senão*.

Em suma, quando o escrevente lança mão de *se não* registra, na materialidade de que é constituída a escrita, não apenas a composicionalidade semântico-pragmática da construção mobilizada por esse juntor, mas também a ênfase na consequência desfavorável trazida pelo segundo membro da construção, que pragmaticamente é uma ameaça ou uma complicação.

Considerações finais

Neste artigo, tratamos da grafia flutuante de *senão* com base na hipótese de que nessas grafias estaria plasmada outra flutuação: a constituição do próprio item, tanto no aspecto categorial, como na emergência dos sentidos. Demonstramos que a essa constituição morfossintática e morfossemântica estão associadas características prosódicas, as quais emergem por meio da grafia marcada *se não*. A hipótese explicativa defendida tomou grafias marcadas de *senão*, frequentes nos textos de EFII, como resquícios da remodelação de forma e de sentido experimentada por *se* e *não*. Articulada a essa hipótese central, formulamos outra hipótese explicativa que tomou grafias marcadas *se não* como indícios de configuração prosódica dos enunciados, particularmente, aquelas configurações que dizem respeito às maneiras pelas quais saliências métricas e ênfase entoacional podem ser associadas a porções dos enunciados articulados por *senão*.

Ao tecer argumentos em favor dessas hipóteses, este artigo contribui com os estudos linguísticos por interpretar dados de escrita como representações de estruturas morfossintáticas e semântico-pragmáticas que recuperam estágios anteriores

da língua e como pistas de representações prosódicas dos enunciados articulados por *senão*.

Outra contribuição está em postular a noção de *grafia marcada*, que é uma grafia prevista, embora não privilegiada pela convenção ortográfica, como relevante para o estudo dos chamados erros de segmentação de palavra. Ao contrastar a grafia segmentada de *se não* com a grafia não marcada *senão*, essa proposta contribui com os estudos sobre interpretação e classificação de registros de segmentação não convencional de palavra, bem como sobre a relação entre fala e escrita que esses dados permitem investigar.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralín*, Campinas, v. 11, p. 203-17, 1991.

_____. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes Editores, 1998, p.135-142.

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BISOL, L. Mattoso Câmara e a palavra prosódica. *Delta*, São Paulo, v.20, 2004, p.59-70.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: 1997.

CAPRISTANO, C. C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. Tese de Doutorado, IEL, UNICAMP, Campinas, 2007b.

_____. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

CHACON, L. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, p. 77-86, 2005.

_____. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M. L. G. (org.) *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 155-167.

- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, A. P. N. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Dissertação de Mestrado, UFPel, Pelotas, 2004.
- _____. *As segmentações não convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu*. Tese de Doutorado, UFPel, Pelotas, 2010.
- FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Tese de Doutorado, IEL, UNICAMP, Campinas, 2007.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. CD-ROOM, 2001
- ILARI, R. *Brincando com as palavras: uma introdução ao estudo do léxico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin; NY: Mouton de Gruyter, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001, p.15-43.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.
- NESPOR, M; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics*. Cambridge: CUP, 1982.
- SCHWENTER, S. *Pragmatics of conditional marking. Implicature, scalarity and exclusivity*. New York, Londres: Garland, 1999.
- _____. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (eds). *Cause, condition, concession, contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000, p.257-281.
- SERRA, C. R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, L. *Um estudo longitudinal das hipersegmentações de palavras escritas nos anos finais do Ensino Fundamental*. Dissertação de Mestrado, UNESP, S. J. Rio Preto, 2014.

SILVA, L.; TENANI, L. *Hipersegmentações de palavra no ensino fundamental*. São Paulo: Cultura Acadêmica, no prelo.

SONCIN, G. *Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!* Tese de Doutorado, UNESP, S. J. Rio Preto, 2014.

TENANI, L. Hipersegmentação de palavras: análise de aspectos prosódicos e discursivos. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.16, n.2, jul./dez., p.305-26, 2013.

_____. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do ensino fundamental. *Revista da Associação Brasileira de Linguística*, v. 10, n.2, p. 91-119, 2011.

_____. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 35, p. 247-269, 2010.

_____. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2002.

TENANI, L; LONGHIN-THOMAZI, S. Oficinas de leitura, interpretação e produção textual no Ensino Fundamental. *Em extensão*, Uberlândia, v.13, n.1, p.20-34, 2014.

Abstract

Graphic fluctuation between “senão” and “se não” in Brazilian Portuguese: considerations about the connector’s polysemy, morphosyntactic and prosodic structure

*This paper aims to advance hypotheses on the predominantly segmented spelling for *senão* found in texts written by secondary school students. These hypotheses shall be grounded in considerations about the interpretative mechanisms triggered by constructions with *senão*, along with syntactic and phonological features. We shall argue that the written data for *senão* may be construed as a clue to representations of senses and morphosyntactic structures which, on one hand, retrieve previous stages of language, and on the other hand, provide evidence for the manifold ways the relationship between speech and writing is developed.*

Keywords: *Junction; Segmentation; Prosody; Portuguese*